

## A conscientização na poesia “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto

Abel Vidente Luemba\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-9831-3552>

António Carvalho da Silva\*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-1669-5033>

**Resumo:** O estudo, conscientização na poesia “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto, pretende analisar comparativamente dois textos poéticos, considerados Clássicos da Literatura Angolana, que demonstram o papel da poesia para a conscientização do africano subjugado, em particular do angolano. É um estudo qualitativo que recorre ao método análise textual para explorar os textos “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto, que, no essencial, demonstra(ra)m marcas que cria(ria)m um sentimento de revolta contra as práticas desumanas, em particular as da colonização. Esses sinais, como o trabalho forçado, a proibição do uso de línguas locais, as desigualdades sociais e outras práticas destacadas nos poemas, que foram escritos sob ângulos diferentes, mas com fim igual, desperta(ra)m o oprimido e, hoje, constituem matéria de reflexão e de estudos, uma vez que podem despertar novamente um povo que se sinta dominado pelas políticas de quem um dia lutou contra a opressão, pois que as políticas sociais adotadas pelos governos, em muitos casos, não proporcionam direitos e condições dignas de vida. Esse papel social da literatura que, desde cedo, esteve presente para os grupos marginalizados é visto nestes textos, tendo em conta as marcas de expressão literária bastante fortes que motiva(ra)m a reflexão do(s) leitor(es).

**Palavras-chave:** Poesia; Consciencialização; Oprimido

Awareness in the poetry “Monangamba” by António Jacinto and “Impossible Waiver” by Agostinho Neto

**Abstract<sup>1</sup>:** The study, raising awareness in the poetry of “Monangamba” by António Jacinto and “Impossible Waiver” by Agostinho Neto, aims to comparatively analyze two poetic texts, considered Classics of Angolan Literature, which demonstrate the role of poetry in raising awareness of the subjugated African, in particular of the Angolan. It is a qualitative study that uses the textual analysis method to explore the texts “Monangamba” by António Jacinto and “Impossible Waiver” by Agostinho Neto, which, in essence, demonstrate(s) marks that create(would) a feeling of revolt. against inhumane practices, particularly those of colonization. These signs, such as forced labor, the prohibition of the use of local languages, social inequalities and other practices highlighted in the poems, which were written from different angles, but with the same purpose, a “Impossible Waiver” rouse the oppressed of reflection and studies, since they can reawaken a people who feel dominated by the policies of those who once fought against oppression, since the social

\* Doutorando em Educação no Instituto de Educação da UMinho, na especialidade de Literacias e Ensino do Português. Professor do Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda, Angola, Departamento de Ensino e Investigação em Língua Portuguesa.

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade do Minho. Desde 2000, é formador de professores nas áreas do Português, Linguística Portuguesa e Didática do Português. Desde 1999 até ao presente, é professor auxiliar (desde 2007) da Universidade do Minho. Suas pesquisas centram-se no domínio da gramática, em particular análise de manuais escolares e exames finais de Língua Portuguesa.

<sup>1</sup> Tradução de Benvindo Gomes.

policies adopted by governments, in many cases, do not provide rights and dignified living conditions . This social role of literature that, since early on, was present for marginalized groups is seen in these texts, taking into account the strong marks of literary expression that motivate the reflection of the reader(s).

**Keywords:** Poetry; Awareness; Overwhelmed

Utébulua monho mu ci sávu ci “Monangamba” ci António Jacinto ai “Ufúa mbabu” ku Agostinho Neto

**M'túngulu**<sup>2</sup>: Yndulua muna tébulua monho mu ci sávu ci “**Monangamba**” ci António Jacinto ai “**Ufúa mbabu**” ku Agostinho Neto, ci tuvanga ufiongonéna mu bázimina munzila ymueka, mayndu muali ma sónama mulibungu, limónisia luzabu lu n'toto Ngola, muna umónisia n'cinzi kele musávu, bunji utuunga ulunzi bi basi n'toto Bafioté “África”, makongo basi Ngola. N'cinzi bene ubanzimina voti yndulua mambu bene, uviokila muna nzila yfundubula, ukoonga masónama, buingi tubándulua masuama muna “Monangamba” ma António Jacinto ay “Renúncia impossível” basónika kuke Agostinho Neto, bucielika batumónisa ma ngolu, cintémo ai n'vingu umónikia muna maanga usálu bibúndulwa bumuntu (mambu matiuka maba tovuluanga bafioté), ntangu bene ynani, kati buvika/bunkóle. Ulimbu (mavanga bene omo), bikilianga kuandi: usálu (bisálu) bingólo, kukándimina bantu muna utuba zimbeembu ziau zi buala, m'zúngulu yviakana muna ybuundu cibantu, tutanga tuleembo ai manká dédikuandi buna tudenguele muna usávu bene, bisónemena mumphila iviakana, kaza mi tulonga liambu kuandi limueka toka, landa lukuku (lukáku lubantu), ukutulua bakángama. Buau, bubuaci, mau mame balukua mambu mayundulua ai tufuene ulóngukua. Ybila mabakizi bulubulwila banka, kambu ukeba Nsi ykele muyvíka, buingi ka tebukua monho, ka tulubuka kutólo, kakutukua mu nsinga ay zimpasi zilutúmu lukambu fuana muna nsi. Tuzabizi ti bawombo banuanina lukuku lunsi, bubuaci kambu ukeba ba macitukua utuanguende. Ibila zinzengolo zinkanu zina bisalila ba nanga voti bakuluntu bansi, tangovo, zisafuanangana ko muna vana zinhenzi ai mambote ke basi buala bonso. Ysálu ci masónama muna n'kongá bantu vana ntónono, li yndu bene libakuandi muna mangúmba (nkonga zibantu) bana baloza voti bavéngulua tibakulua muna masónami bene ama, mavene mangolo ke bana bitanga ai batanga mau, bau bibuela kumayndulua buna bufuene.

**Liambu linguli:** Ci sávu; Tébulua monho; Bakángama

## Introdução

A poesia, tal como desde os seus primórdios, sempre esteve, além de lúdico, para prenúncios e adivinhações, recordando que, segundo Moniz & Paz (2004, p. 196), “os romanos chamavam vate ao poeta, aquele que, possuído das musas do Parnasco, participava na função divinatória outorgada por Apolo, o deus da adivinhação ou do conhecimento dos caminhos futuros”. Assim, a poesia pode ser uma composição sublime, que representa um ser, um povo, sendo ela, conforme os autores supracitados, portadora de uma vocação catártica ou libertadora do mundo.

---

<sup>2</sup> Feita em Ibinda/Fyote. Tradução de Rev. Pe. José Bassanza.

Ora, com a propensão libertadora da poesia, pretendemos, neste artigo, analisar comparativamente dois textos poéticos, considerados Clássicos da Literatura Angolana, que demonstram o papel da poesia para a consciencialização do africano subjugado, em particular do angolano, no período colonial, uma vez que ela serviu de impulso para a libertação mental e, conseqüentemente, para as independências africanas. Com este propósito comparativo, selecionamos os poemas “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto, que funcionam como marcas identitárias de consciencialização, como o próprio Agostinho Neto (em diante Neto) expressa no verso de um dos seus poemas: *inspirando as consciências desesperadas*.

A nível metodológico, recorreremos à análise textual, tendo nos baseado, para a análise, na estilística (elementos retóricos) para demonstrar o alcance do discurso poético nos poemas “Monangamba” e “Renúncia impossível”.

Quanto a estes autores, segundo Laranjeira e Rocha (2014), juntamente com outros dois (Viriato da Cruz e Mário António), formavam o quarteto de promissores poetas da sua geração – “Geração 50”. Importa referir que Agostinho Neto (Kaxikane – Angola – 1922; Moscovo, 1979) foi poeta, médico, nacionalista, que se tornou no primeiro presidente de Angola, fundador da Pátria. Conhecido pela sua entrega na luta de libertação e como primeiro presidente, bem como poeta. É sobre a sua poesia de que o evocamos, pese embora após ter ganho a liderança como lutador e político, o poeta dentro de si ter sido posto em causa. A sua poesia expõe, de forma clara e para o mundo, a desumanização da colonização, por isso, considerada, no país e não só, uma poesia libertadora, que merece reflexão na atualidade. Por outro lado, António Jacinto (Luanda – 1924; Lisboa – 1991) foi igualmente poeta, nacionalista, ocupando, após a independência, os cargos de Ministro da Educação e Cultura e Secretário de Estado e da Cultura. A sua poesia ressalta, entre vários aspetos, a vida servil e dura do camponês, a exploração colonial e outras linhas temáticas que desperta(va)m o homem oprimido.

O estudo destes textos pode(rá) elucidar e apresentar aos leitores os sinais que, durante o período colonial, serviram para a tomada de consciência política e social, bem como a preocupação do poeta com o seu povo, ou seja, em demonstrar a sua utilidade para os interesses políticos, lúdicos ou outras aspirações humanas, pois eles constituíam a elite cultural por possuírem, de algum modo, instrução adquirida em escolas dos países colonizadores, que é o caso dos poetas em questão.

Este texto, além desta parte introdutória, compõe-se de uma revisão da literatura, discutindo o começo do despertar africano, isto é, os primeiros sinais de revolta contra a

Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António... subjugação do homem negro, bem como o papel da poesia para a consciencialização do oprimido. Traz, ainda, uma seção onde são analisados os textos escolhidos, apresentando as marcas do discurso poético que contribuíram para a consciencialização. Por fim, constam as conclusões da análise e as referências bibliográficas.

### **Prelúdio do despertar africano**

O despertar da consciência do africano começa com o quebrar da noção de superioridade do homem branco, considerado como raça superior - Le Bom, citado por Santos (1975, p. 14). A teoria da raça superior e outras levantadas sobre a subvalorização do negro permitem fazer um recuo temporal, de onde remontam os primeiros indícios de valorização do africano, do ser e existir africano. Com a preocupação de valorizar o homem africano, Blyden, citado por Santos (1975, pp. 9 - 10), com o “*African Personality*”, procurava defender “não só o temperamento do africano, mas também o fundamento na cultura e na civilização africanas, da personalidade coletiva dos negros espalhados pelo mundo”. Saem, igualmente, em defesa do homem negro os dois grandes precursores da negritude: René Maran, com a obra “*Batouala*” (1921), de quem Senghor teria afirmado ser o primeiro autor a exprimir a “alma negra”, com estilo negro, em francês; Price Mars, apresentando uma tese que permitiu estruturar a negritude na qual defendia a reabilitação da África, das suas raças, da sua civilização, do animismo africano (Santos, 1975).

Ora, foram vários os domínios que contribuíram para o despertar do homem africano, partindo das influências marxistas, neorrealistas até ao fim da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Com o fim deste acontecimento, por exemplo, começam, por um lado, a surgir grupos coesos e, por outro, a aparecer textos de denúncia, tal como assegura Ki-zerbo (2000, p. 165) que em “África certas categorias sociais, mais sensibilizadas aos problemas gerais, vão tornar-se intérpretes naturais e catalisadores das aspirações difusas das massas: são os sindicatos e os intelectuais”.

Além destes grupos, destacam-se, diretamente à causa das independências, os poetas e outros autores anticolonialistas, como Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Leon Damas, com o movimento Negritude, que, para além de movimento literário, procurava recuperar a dignidade e a personalidade do homem africano, libertando-o do complexo de inferioridade, conforme Senghor, citado por Santos (1975, p. 12), afirmara: “A negritude é um facto: uma cultura. É o conjunto dos valores – económicos e políticos,

Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António... intelectuais e morais, artísticos e sociais – não só dos povos da África Negra, mas ainda das minorias negras da América, mesmo da Ásia e da Oceânia”.

A negritude, como movimento estético-político, impulsionou várias colónias que acabaram por encarnar o espírito negritudinista. A negritude lusófona, por exemplo, deve a sua origem à negritude francófona, bastando ler alguns poetas lusófonos, como Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral, António Jacinto; podendo ser visto igualmente nos poemas selecionados para esta análise. E como prova disto, vários autores, como Laranjeira (1996) e Rodrigues (2014), apontam o poema de Neto, “Renúncia impossível”, com características próprias da poesia de Césaire, considerando-o poeta maior da negritude lusófona.

### **A poesia como compromisso consciencial**

A poesia era, para os próprios poetas, um compromisso, porque se reviam no que escreviam, isto é, tinham consciência da sua escrita e das possíveis represálias que adviriam dela. É deste modo que ela se constituiu e foi um dos principais pilares para a criação dos movimentos políticos de libertação, conforme, para o caso de Angola, Cosme (1978, p. 10) aponta: “talvez fosse através da literatura realista – lírica ou épica, personalista ou social – que os intelectuais angolanos sedimentaram, em si e nos outros, a consciência de revolta que levaria, mais tarde, à revolução”. Esta afirmação tem algum sentido ao se verificar, por exemplo, o *Processo dos 50*<sup>3</sup> e outros indicadores de revolta.

Ora, quando se consegue consciencializar um grande número de indivíduos para revolta e/ou reivindicação, precisam-se líderes; e, tendencialmente, as pessoas ideais serem aquelas em quem a população deposita confiança; e os poetas, para Angola, por exemplo, eram os mais bem indicados, pois escreviam sobre as suas vivências. Cosme (1978) confirma também esta ideia ao asseverar não ser por acaso que os quadros mais influentes do MPLA sejam consagrados escritores angolanos, e, para demonstrar, aponta António Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Luandino Vieira. Com isto, percebe-se que a poesia permitiu reunir, num só grupo, todos os autores que faziam dela um meio de denúncia e permanecessem tanto na política como na literatura, conforme indica Cosme (1978, p. 10): “não é também por acaso que muitos intelectuais, não engajados

---

<sup>3</sup> “Processo dos 50 é a designação que se atribui à prisão e julgamento de um grupo de nacionalistas que, insatisfeitos com o domínio colonial português, decidiram empreender clandestinamente ações que conduzissem à independência de Angola. Deste processo fizeram parte indivíduos negros, mestiços e brancos, europeus e africanos, que estavam envolvidos na luta por uma mesma causa – a independência de Angola” (Cunha, 2013, p. 87).



Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António... fisicamente à luta revolucionária iniciada a 1956, viessem a aderir ao único Movimento de Libertação Progressista, com substratos ideológicos dum pensamento universal”.

Este compromisso consciencial vai conduzir à constituição de um estilema de cada autor, de cada geração, de cada movimento, capaz de se diferenciar de outros. E, neste prisma, Venâncio (1992, p. 30) aponta, por exemplo, um estilema da literatura angolana que é a “dimensão messiânica sendo uma característica muito própria da literatura angolana, particularizando-a no contexto das literaturas africanas em língua portuguesa”. Para a compreensão destas marcas distintivas, por vezes, é necessário recorrer às influências sociais e psicológicas do autor/poeta. Ademais, segundo Goldmann, citado por Venâncio (1992, p. 12), “tanto a Sociologia como a Psicologia postulam que todo o comportamento humano é parte de uma estrutura significativa; e para que tal estrutura seja compreendida, tem de ser trazida à luz, submetida a uma explicação histórico-genética”. Ora, para o contexto colonial dos angolanos, justificavam-se a natureza dos discursos poéticos, visto que a sua compreensão remeteria para o momento/contexto.

### Consciencialização em “Monangamba” e “Renúncia impossível”

Olhando para os textos com sinais para a reflexão do oprimido e, conseqüentemente, para a revolta, vemos, em “Monangamba<sup>4</sup>”, por exemplo, que o sujeito poético apresenta uma chamada de atenção para a consciencialização, cingindo-se, de início, à denúncia do trabalho forçado, quando por meio de uma metáfora – *Naquela roça grande não tem chuva / é o suor do meu rosto que rega as plantações* – usada de maneira irónica para expressar o quão duro era o trabalho do monangamba. Com a mesma musa, na poesia “Renúncia impossível”, o sujeito poético – num paradoxo – apresenta uma negação anafórica: *Não creio em mim / Não existo / Não quero eu não quero ser*. Esta rejeição ardilosa expõe, de maneira inalterada, os males que infernam os contratados/colonizados.

Nos dois textos, os sujeitos poéticos servem-se de interrogações para despertar a reflexão aos seus; por exemplo, em “Monangamba”, quando o sujeito poético usa a personificação – *Perguntem às aves que cantam /, aos regatos de alegre serpentear / e ao vento forte do sertão* – para introduzir um elemento retórico, que, requerendo um

---

<sup>4</sup> MONANGAMBA – todo o que se dedica a trabalhos pesados, serviçal, carregador, estivador. Do kimbundu mon'a ndenge=filho de carregador. Disponível em: <http://www.angolabelazebelo.com/vocabulos-kimbunduportugues/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António...  
pequeno esforço mental do monangamba, chegava a uma conclusão de opressão. Ainda interroga:

– *Quem se levanta cedo? / Quem vai à tonga? / Quem traz pela estrada longa / a tipoia ou o cacho de dendém? / Quem capina e em paga recebe desdém / fuba podre, peixe podre, / panos ruins, cinquenta angolares/ porrada se refilares?*

Com esta interrogação, o sujeito poético coloca o colonizado a refletir sobre as suas ações e sobre o seu próprio estado. É possível verificar, igualmente, que o sujeito poético, em “Renúncia impossível”, faz o uso do mesmo recurso – interrogação – *O que é a colonização? / O que são massacres de negros? / O que são os esbulhos de propriedade? / Coisas que ninguém conhece* – precisamente para passar a ideia de que as atitudes e os modelos civilizacionais não eram e nem faziam parte dos seus, e esta preocupação do sujeito não se restringe à Angola, porém demonstra a preocupação com toda a África colonizada e saqueada. Aqui, podemos ver a abrangência da “Renúncia Impossível” para todo o colonizado, diferente de “Monangamba” que é mais restrito, apesar de os dois usarem das idênticas estratégias retóricas para a reflexão.

A abrangência referenciada pode ser vista no texto a partir da carga irónica, uma das muitas figuras bem usadas para passar o incorreto como correto. Podemos observar, por exemplo, o sentido da abrangência que faz à África:

*Podeis inventar uma nova História. / Inclusivamente podeis atribuir-vos a criação do mundo. / Tudo foi feito por vós [...] nunca houve negros! / A África foi construída só por vós / A América foi colonizada só por vós / A Europa não conhece civilizações africanas.*

Com estas ideias, o eu poético olha não só para a causa do seu povo, mas para todo o colonizado, por isso, a “Renúncia impossível” pode ser o texto poético mais completo e abrangente de Neto, por se desnudar das vestes coloniais e individuais, tornando-se aquele que carrega a sua dor e a de todos, que entrega a sua vida à Vida. A sua visão profética transpõe as barreiras da africanidade, porque se despe da sua existência e reconhece que pode salvar o mundo: *Cheguei à hora do início do mundo / E resolvi não existir [...] E o que é mais importante / Salvei o mundo.* Esta atitude filosófica e retórica apresentada pelo sujeito poético, vemos sustentada em Schopenhauer, citado por Rodrigues (2014, p. 33), quando refere que “só se acede à liberdade ao negar a sua vontade e ao anular a sua existência metafísica”. E Neto soube, de certeza, aproveitar-se deste princípio, o que revela o texto: *Não sou. Não existo. Nunca fui. / Renuncio-me / Atingi o Zero.*

Esta atitude demonstra o carácter sério e responsável pelos direitos sociais, visto que enquanto se convencem indivíduos, constituem-se grupos para revolução, como Lenine, citado por Hess (1983), afirmava: “a revolução é uma tarefa muito séria para ser confiada a amadores”. Neste sentido, confirma-se, mais uma vez, o papel dos poetas/escritores que dirigiram os movimentos de revolução, pois a missão não foi liderada por quem não pudesse se entregar por todos, mas por aqueles, de acordo com o autor supracitado, que tivessem objetivos coerentes, que soubessem o que e porque o fazem.

Ora, há uma intenção pura de descontentamento e de reflexão para o contratado/colonizado e de reflexão para o contratador/colonizador, porquanto aquele, embora prestando serviço (e forçado) em sua própria terra, não merecia das suas remunerações, criando sentimentos de revolta. E o que o sujeito poético em “Monangamba” faz perceber, ele é quem dá tudo para o contratador/colonizador, ou seja, ele dá-se a si mesmo quando retoricamente interroga

– *Quem dá dinheiro para o patrão comprar / máquinas, carros, senhoras / e cabeças de pretos para os motores? / Quem faz o branco prosperar, / ter barriga grande - ter dinheiro? E novamente numa anáfora – Nunca houve escravatura / nunca houve domínio de minorias –*

O sujeito poético, em “Renúncia impossível”, denuncia a opressão no seu estilema irónico. Esta “negação”, que é também afirmação, é seguida de uma segunda parte intitulada “afirmação” em que o sujeito poético diz não se abdicar da sua missão, colocando-se como aquele que está empenhado em atingir o propósito começado:

*Calem-se as frases loucas / Desta renúncia impossível [...] Eu sou. Existo / As minhas mãos colocaram pedras / nos alicerces do mundo / Tenho direito ao meu pedaço de pão / Sou um valor positivo / da humanidade / e não abdicó /, nunca abdicarei!*

Neto declara-se abertamente como um oponente difícil de se derrotar, apresentando, sem plurissignificação, os problemas dos oprimidos. Posteriormente, comprovando o conhecimento de todos sinais de domínio, exige o abandono de todas as maneiras de opressão:

*Não contem comigo / para vos servir às refeições / nem para cavar os diamantes / [...] / nem para cuidar das vossas plantações / de café e algodão / não contem com operários /*



Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António...  
*para amamentar os vossos filhos sífilíticos / nem com corpos de mulheres / para vos alimentar de prazeres.*

O sujeito poético em “Renúncia impossível” revela-se conhecedor de tudo e todos, tendo o poder e a capacidade de chamar a atenção dos seus para se consciencializarem, usando, aqui, a apóstrofe – *Ó pretos submissos humildes ou tímidos / Sem lugar nas cidades / [...] / com a alma poisada no sinal menos /, polígamos declarados / dançarinos de batuques sensuais / sabeis que subistes todos de valor / Atingistes o Zero / sois Nada / e salvastes o Homem.* Evoca, de forma subtil, todos os oprimidos para que se desprendam do medo e se posicionem perante aqueles que os subjagam. Portanto, a resignação, inicialmente tomada por si, vai-se alargando para todos na medida que se lhe associam gente oprimida quando afirma – *sabeis que subistes todos de valor / Atingistes o Zero / sois Nada / e salvastes o Homem.*

Creemos que estes discursos poéticos e outros levaram muitos monangambas a refletirem, e daí nascerem sentimentos de revolta como o que sucede a 4 de janeiro de 1961 na baixa de Cassanje, sendo umas maiores manifestações que envolveu trabalhadores/fazendeiros revoltados contra as atrocidades dos coloniais e marcou o início da luta para a Independência.

Estes poetas privilegiaram a denúncia e a negação para apresentar o desagrado e mobilizar a consciência coletiva contra as injustiças do colonizador. É neste prisma que Rodrigues (2014, p. 33) sustenta que “a negação é entendida como o desejo de fuga à alienação e à subjugação”. O sujeito poético, usando do discurso retórico e poético (estratégia mais visível em “Renúncia impossível”) prepara a consciência dos seus para a reflexão. Assim, vemos o discurso poético estar voltado para a libertação de mentes como é o caso da poesia engajada que é” aquela na qual o poeta põe a sua arte ao serviço de uma causa e convida os seus leitores a uma reflexão ou à ação” (Rodrigues, 2014, p. 36) .

## **Conclusões**

A poesia tornou-se a máquina para a revolução mental do homem oprimido, sendo a partir dela que se chegou a atingir mais mentes a envolverem-se numa causa justa para todos. Tanto em António Jacinto como em Agostinho Neto constata-se uma poesia repleta de ironia e de perguntas retóricas para que o oprimido/colonizado refletisse e chegasse a um ponto, o de maturação; e assim teriam a possibilidade de reivindicar os seus direitos e de firmar as suas convicções. A análise dos dois textos permitiu

Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António... demonstrar o papel da poesia para a consciencialização do africano subjugado, em particular do angolano, uma vez que, a partir da Literatura, surgiram várias manifestações políticas e culturais por parte da população colonizada, como exemplo a revolta da baixa de Cassanje.

É, pois, com este espírito literário que nasceram os primeiros movimentos armados para as lutas pelas independências. Grande parte dos escritores (negros ou mestiços) do período colonial procuraram fazer uma poesia de denúncia, o que permitiu atribuir grande importância à literatura, porque foi o meio para se atingir as áreas supostamente inatingíveis, visto que a ideia passada pela propaganda colonial para o resto do mundo era como se as colónias vivessem sem opressão. A poesia, assim, serviu para desmascarar aquela política propagandista, e, na atualidade, deve continuar a denunciar e a lutar contra as políticas sociais que não proporcionam direitos e condições dignas e justas aos cidadãos.

Portanto, estes textos poéticos são como um discurso que apresenta as vantagens e desvantagens de uma ação e, para o referido caso, são as revoltas contra os opressores, pois os poetas não influenciaram as pessoas simplesmente pelo seu carácter, mas também pelos seus textos que são uns autênticos discursos retóricos. Neste sentido, estes poemas merecem particular atenção por demonstrarem o grande papel que a Literatura sempre teve na sociedade, lugar que vai perdendo por falta, por um lado, de incentivos à leitura e, por outro, da inserção de atividades de análise literária de textos, novos ou antigos. A escola é chamada, mais uma vez, a desenvolver mecanismos de abertura à produção, leitura e análise literária.

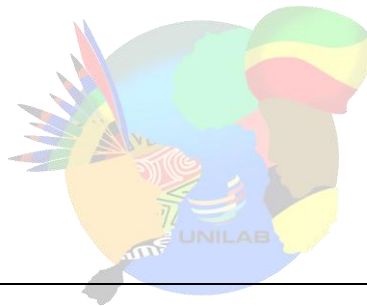
## Referências

- Cosme, L. (1978). *Cultura e Revolução em Angola*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cunha, A. (13 de dezembro de 2013). Processo dos 50: memórias da luta clandestina pela independência de Angola. *Revista Angolana de Sociologia [online]*, 8 /2011. Disponível em: <https://ras.revues.org/543>. Acesso em 18 mar.2020.
- Dicionário de Kimbundu. (s.d.). Obtido em 27 de março de 2020, de <http://www.angolabelazebelo.com/vocabulos-kimbunduportugues/>
- Ferreira, M. (1997). *50 Poetas Africanos*. 2.ed. Lisboa: Plátano Editora.
- Fundação António Agostinho Neto. (s.d.). Disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=category&id=50&Itemid=231](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=category&id=50&Itemid=231). Acesso em: 3 mar. 2020.

Abel V. Luemba e António C. Silva, A consciencialização na poesia “Monangamba” de António...  
Hess, R. (1983). *Sociologia de Intervenção*. Porto: Rés-Editora.  
Ki-Zerbo, J. (2000). *História da África Negra*. 3.ed. Trad. A. d. Carvalho. Mem Martins: Publicações Europa-América.  
Laranjeira, P. (1996). *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento.  
Laranjeira, P. ; Rocha, A. T. (2014). *A Noção de Ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto.  
Moniz, A. ; Paz, O. (2004). *Dicionário Breve de Termos Literários*. Lisboa: Editorial Presença.  
Rodrigues, C. I. (2014). *"A Renúncia impossível de Agostinho Neto: um novo discurso poético, intertextualidade e alcance"*. Luanda: Fundação António Agostinho Neto.  
Santos, E. D. (1975). *A Negritude e a Luta pelas Independências na África Portuguesa*. Lisboa: Editorial Minerva.  
Venâncio, J. C. (1992). *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto da Cultura e Portuguesa.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 23/12/2021



Para citar este texto (ABNT): LUEMBA, Abel Vidente; SILVA, António Carvalho da. A conscientização na poesia “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.93-103, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Luemba, Abel Vidente; Silva, António Carvalho da (2021, dez.). A conscientização na poesia “Monangamba” de António Jacinto e “Renúncia impossível” de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 93-103.